PSICANÁLISE VISTA DESDE A TENRA IDADE

LÉIA DE LIMA MIRANDA SOUZA

RESUMO
A Psicanálise trouxe avanços significativos através de sua abordagem especializada na escuta. No contexto educacional, a relação entre professor e aluno se estabelece dentro da sala de aula. A escola desempenha um papel fundamental na socialização das crianças e dos adolescentes, contribuindo para o desenvolvimento gradual de suas personalidades. A psicanálise, em primeiro lugar, é um método que requer uma constante autorreflexão. Ao receber o suporte de alguém externo à situação pedagógica, o professor é incentivado a refletir sobre sua prática educativa. No processo de ensino-aprendizagem, é responsabilidade dos pais e cuidadores estimular as crianças e adolescentes a se tornarem membros ativos da sociedade, contribuindo para um ambiente familiar e social saudável. Tanto os pais quanto os membros da família devem priorizar o crescimento, o amadurecimento e a saúde mental das crianças e adolescentes. Nesse contexto de ensino-aprendizagem, a combinação entre psicanálise infantil e educação oferece ferramentas que capacitam o professor a lidar com os desafios de sua profissão. É essencial valorizar e motivar as crianças e adolescentes a adquirirem conhecimento, tornando-se cidadãos ativos na sociedade. Cuidar da saúde mental das crianças e adolescentes é de extrema importância para garantir um desenvolvimento saudável das futuras gerações.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento; Gerações; Sociedade.

INTRODUÇÃO

Atualmente, é fácil perceber a conexão entre a psicanálise infantil e a educação. Um ambiente escolar que promove cuidado e acolhimento pode fortalecer os laços entre professor e aluno, assim como entre os próprios alunos.
Sigmund Freud tinha interesse pela pedagogia, o que o levou a ter uma perspectiva sensível em relação aos educadores e às crianças e adolescentes. No treinamento dos professores, as práticas pedagógicas desempenham um papel importante, pois visam fornecer-lhes as ferramentas necessárias para enfrentar os desafios que surgem diariamente no ambiente escolar.
Freud afirmou que a psicanálise encontrou contribuições na área da pedagogia, graças à descoberta dos desejos e dos processos de amadurecimento na infância e na adolescência. Através da psicanálise, o indivíduo volta-se para sua própria forma de se expressar, tornando-se autor de suas palavras e de seus próprios desejos.
Anna Freud, filha de Sigmund Freud, decidiu estabelecer uma relação entre a psicanálise e a pedagogia, com o objetivo de questionar criticamente as normas pedagógicas vigentes na época. Ela aprofundou seu conhecimento sobre os fundamentos da pedagogia, aprimorando sua compreensão das relações complexas entre a criança e os educadores.
Pode-se dizer que uma das contribuições possíveis da terapia infantil no ensino é promover uma convivência saudável entre professor e aluno. Nessa relação, as transferências do aluno e as contratransferências do professor podem revelar muito sobre a dinâmica de relacionamento tanto do educador quanto do estudante.
Inicialmente, havia uma distância entre a aplicação da psicanálise em crianças e a teorização sobre o mundo infantil. No entanto, como afirmou Freud:

"É fácil traçar o caminho que levou a essa aplicação [da psicanálise às crianças]. Quando, no tratamento de um neurótico adulto, estabelecíamos a sequência dos fatores determinantes de seus sintomas, éramos, com regularidade, reconduzidos ao início de sua infância". (FREUD, S. 1933 [1932], vol. XXII, p.179)

O único exemplo clínico de psicanálise com crianças relatado por Freud está no famoso texto "Análise de uma fobia em um menino de cinco anos", também conhecido como "o caso do pequeno Hans". No entanto, essa observação foi indireta, pois o próprio pai de Hans atuou como seu "analista". O pai tinha a tarefa de registrar os acontecimentos e

as falas diárias do filho, enquanto Freud se encarregava de revelar-lhes o significado para que fossem transmitidos a Hans. O pai recebia supervisão de Freud em relação à condução do "tratamento" de Hans.
É intrigante notar que o próprio pai de Hans tenha sido seu analista. No entanto, para Freud, isso não era considerado uma limitação, mas sim uma vantagem. Fendrik chama a atenção para o primeiro parágrafo do texto sobre o pequeno Hans, no qual Freud afirma que o sucesso dessa "análise" se deveu à fusão da figura do analista com a do pai do analisando.

A TEORIA FREUDIANA E A EDUCAÇÃO
Freud sempre expressou o desejo de que a psicanálise não se limitasse apenas à cura de doenças nervosas. Em suas apresentações, ele fazia questão de lembrar ao público sua vontade de levar a teoria além do âmbito clínico.
Desde os primeiros momentos, antes mesmo das descobertas sobre a sexualidade infantil, Freud levantava questões sobre a necessidade de transformações na área da educação. Ele acreditava que a educação desempenhava um papel fundamental na prevenção da neurose e perversão. Até então, a educação parecia estar voltada para garantir a castidade dos adolescentes na sociedade burguesa.
Com a descoberta da sexualidade infantil, o interesse pela educação se amplia ainda mais. O período escolar, especialmente na Educação Infantil (creches, berçários, maternal e pré-escola), está intimamente ligado ao período crucial de desenvolvimento do indivíduo, e sua influência sobre ele é inegável.
Segundo Freud, por volta dos quatro ou cinco anos, o sujeito já está completamente formado e manifestará o que foi depositado nele até então.
Embora Freud admitisse que não havia contribuído muito com estudos específicos sobre as aplicações da psicanálise na educação, ele ressaltava sua importância na formação de uma nova geração. Em sua obra, encontramos textos que nos levam a refletir sobre o tema.
Após a descoberta da sexualidade infantil, Freud descarta a ideia de que a educação seja a principal responsável pelo controle da atividade sexual e pela prevenção das neuroses. No entanto, ele destaca a importância da educação como auxiliar da natureza na formação de sentimentos morais e em sua contribuição para a transformação da sexualidade infantil.
Em suas obras "Três Ensaios" e "Conferências Introdutórias sobre Psicanálise", Freud aborda a importância de compreender as responsabilidades da educação em relação à sexualidade infantil e seu desenvolvimento, bem como reconhecer seus limites.
Em nenhum momento Freud sugere que os professores devam se abster de seu papel no desenvolvimento sexual da criança. Ele afirma que a educação tem o papel de auxiliar no processo de organização das pulsões parciais até que elas se tornem predominantemente genitais. Nos casos em que as pulsões parciais não conseguem naturalmente alcançar esse objetivo, cabe à educação ajudar a encontrar uma saída socialmente aceitável por meio da sublimação e da formação reativa.
Freud parece destacar essa questão ao chocar o público com sua afirmação, no prefácio da obra de Aichhorn, de que existem três profissões impossíveis, sendo uma delas a educação.
Freud inspirou-se no aforismo de Kant na "Crítica da razão pura" ao adicionar "curar" ao "governar" e "educar". O termo "impossível" não significa necessariamente que essas profissões não possam ser exercidas. Pode ser interpretado como uma referência aos caminhos escolhidos para alcançar os objetivos, que podem ser traçados de maneira que sua concretização se torne impossível. Isso não significa que os objetivos em si não possam ser alcançados, mas sim que os meios escolhidos para alcançá-los precisam ser reconsiderados.
Freud também faz críticas à educação, especialmente em relação à repressão excessiva da vida sexual infantil, que pode comprometer o desenvolvimento das crianças.
Freud critica principalmente a educação por tentar reprimir as tendências perversas e a sexualidade genital que surgem na adolescência, correndo o risco de prejudicar o desenvolvimento infantil e desviar-se de um de seus principais objetivos.
Outra crítica importante do autor é que

os excessos de repressão sexual podem afetar negativamente o desenvolvimento da capacidade intelectual do indivíduo. Se a repressão chegar ao ponto de reprimir a curiosidade sexual da criança, isso pode também reprimir e até eliminar a curiosidade intelectual, uma vez que o desenvolvimento do pensamento está diretamente relacionado ao destino das pulsões parciais.

A curiosidade da criança nunca atingirá uma intensidade exagerada se for adequadamente satisfeita a cada etapa de sua aprendizagem. Assim, no final do curso elementar |Volksschute|, antes que inicie o curso intermediário |Mittelshuler|, isto é, em torno dos dez anos de idade, a criança deveria ser esclarecida sobre os fatos específicos da sexualidade humana e sobre a significação social desta. A época da confirmação seria a mais adequada para instruir a criança, que a essa altura deverá ter um completo conhecimento de todos os fatos físicos, sobre as obrigações morais que estão associadas à satisfação real do instinto. Um esclarecimento sobre a vida sexual que se desenvolva de forma gradual, nos moldes que acima descrevemos, sem interrupções e por iniciativa da própria escola parece-nos ser o único que leve em conta o desenvolvimento da criança e que consegue evitar os perigos que estão envolvidos. (Freud, 1908/2006, p.129).

No texto mencionado anteriormente, "O Esclarecimento Sexual das Crianças" (Carta aberta ao Dr. M. Furst), Freud aborda de forma sutil o campo da educação e destaca os possíveis danos causados por uma educação moralista e repressora. Ele critica a postura dos pais e educadores que resistem à educação sexual infantil.
Freud nos alerta para a preocupação dos adultos em relação à sexualidade das crianças e as muitas dúvidas que eles têm sobre o assunto, especialmente quando se trata de abordar o tema com crianças na primeira infância.
Percebe-se que a sexualidade infantil parece ser um assunto desconhecido para os adultos, pois eles demonstram não saber como, quando e por que falar sobre sexualidade com crianças pequenas. Os adultos enfrentam dificuldades em discutir a sexualidade infantil porque não conseguem nomear o que está reprimido dentro deles, tornando sua própria infância algo estranho para eles mesmos.

A LITERATURA INFANTIL E SUA IMPORTÂNCIA NA PSICANÁLISE
Diariamente somos inundados por informações descartáveis e insignificantes para nossas vidas, obrigados quase sempre a aceitar tais informações como únicas e verdadeiras, sem nos permitir expressar opiniões ou pensar criticamente sobre o que está sendo apresentado, pois nos é entregue tudo pronto, pronto para ser "digerido" e aceito passivamente. No entanto, como seres humanos, temos nossas inquietações, nossas incertezas e nossas perspectivas diversas e múltiplas, o que nos coloca em choque com os valores estabelecidos. Aceitamos esses valores impostos, mas não os valorizamos, e assim deixamos de construir nossa própria identidade, nossos valores genuínos e viver de forma autônoma, consciente e responsável pela nossa própria vida e pensamento.
Constantemente buscamos o autoconhecimento e a nossa identidade, experimentamos emoções e razão, sonhamos e nos apaixonamos, temos dúvidas, medos e prazeres, ficamos perplexos diante da existência de diferentes pontos de vista. As crianças têm dificuldade em distinguir a realidade da fantasia, somos seres sexuados e mortais. Em resumo, somos essencialmente seres humanos.
E, sem dúvida, essa busca começa desde a infância e continua na maioria das vezes durante a fase adulta, se não formos orientados a compreender essa avalanche de emoções.
Um dos caminhos recomendados por diversos estudiosos é a leitura de obras ficcionais, no entanto, é importante ressaltar que para formar um leitor é fundamental estabelecer uma espécie de conexão entre a pessoa que lê e o texto, baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação. É necessário também um esforço por parte do leitor, e esse esforço é justificado e legitimado justamente através dessa conexão estabelecida (Azevedo citado por Souza, 2004).
Esse discurso, por sua própria definição, pode e deve ser subjetivo, devido à sua natureza estética; pode inventar palavras, pode transgredir as normas oficiais da língua; pode criar ritmos inesperados

e explorar sonoridades entre as palavras; pode brincar com jogos de palavras e duplos sentidos; pode recorrer a figuras de linguagem, pode ser simbólico. Dessa forma, a literatura tende a ter múltiplos significados, conotações, permitindo que diferentes leitores cheguem a interpretações distintas. Pode-se dizer que quanto mais leituras um texto literário suscitar, maior será sua qualidade (Azevedo citado por Souza, 2004).

A partir disso, a literatura ficcional nos oferece um vasto campo de possibilidades para interagir com o mundo e com os outros, somos instigados a refletir sobre nossas vidas e descobrir uma nova e autêntica identidade, sem imposições. Assim, como afirma Lajolo (citado por Souza, 2004, p.20):

Para falar de literatura devemos compreender também que a sua maior relevância não se dá na transmissão de informações. Muito pelo contrário. Literatura não transmite nada. Cria. Dá existência plena ao que, sem ela, ficaria no caos do inomeado e, consequentemente, do não existente para cada um. Isso ocorre porque a literatura tem a autonomia para nomear o que quer que seja independentemente de se a coisa nomeada tenha existência ou não. Portanto, literatura é a porta aberta para tudo possível, pois, não se limita ao real.

A literatura de ficção possui um impacto significativo como uma força humanizadora, indo além de simplesmente ser um conjunto de obras. Ela expressa a essência humana e desempenha um papel crucial na formação do indivíduo. Estabelece uma conexão entre o sujeito e sua própria identidade, permitindo que o homem se conheça melhor. Dessa forma, ele passa a se interessar pelo outro e pela forma como vive, pois estará relacionando suas vivências e experiências. Esse processo, de maneira inconsciente, leva à socialização e à civilização. (CANDIDO, 1981, p.94) aborda a função psicológica que é a primeira coisa que nos vem à mente quando pensamos em literatura.

A fruição e produção da literatura se baseiam numa espécie de necessidade universal de ficção e fantasia, que dê certo é coextensiva ao homem, pois aparece invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares. E isto ocorre no primitivo e no civilizado, na criança e no adulto, no instruído e no analfabeto. A literatura propriamente dita é uma das modalidades que funcionam como resposta a esta necessidade universal, cujas formas mais humildes e espontâneas de satisfação talvez sejam coisas como as anedotas, a adivinha, o trocadilho, o rifão. Em nível complexo surgem as narrativas populares, os cantos folclóricos, as lendas, os mitos. No ciclo de divulgação do homem tudo isso culminou de certo modo nas formas impressas, divulgadas pelo livro, o folheto, o jornal, a revista, poema, conto, narrativa romanceada, romance (p.94).

A fantasia raramente é desvinculada da realidade. Ela está constantemente relacionada a algum aspecto real, como fenômenos naturais, paisagens, sentimentos, costumes, problemas humanos, fatos, desejos de explicação, entre outros. É por isso que surge a questão sobre a conexão entre fantasia e realidade, o que nos leva a refletir sobre a função da literatura na formação do ser humano.

Um grande número de mitos, contos e lendas são formas ficticias ou figuradas de explicar a origem e a razão de ser do mundo físico e da sociedade. Por essa razão, há uma relação curiosa entre a imaginação explicativa, que pertence ao cientista, e a imaginação fantástica, ficcional ou poética, que pertence ao artista e ao escritor.

Gaston Bachelard (1934), interessado em estudar a formação do espírito científi-i co, investigou como ele se desenvolve a partir de uma progressiva purificação, partindo do reino da imaginação do devaneio, que era considerado um estado de passividade intelectual a ser eliminado. No entanto, aos poucos, o devaneio passou a ser visto não apenas como uma etapa inevitável ou um solo comum a partir do qual se bifurcam a reflexão científica e a criação poética, mas como a condição primordial de uma atividade espiritual legítima. O devaneio seria o caminho da verdadeira imaginação, que não se alimenta dos resíduos da percepção e, portanto, não é um mero reflexo da realidade, mas cria séries autônomas e coerentes a partir dos estímulos da realidade. É uma imaginação criativa que vai além, e não uma imaginação meramente

reprodutiva.
O devaneio se integra à imaginação poética e resulta na criação de imagens semelhantes, mas seu ponto de partida é a realidade sensível do mundo, à qual está intrinsecamente ligado (CANDIDO, 1981).
Os contos de fadas desencadeiam processos de expressão do que está internalizado nas pessoas que os leem, apresentando dramas que são facilmente compreendidos. Eles desempenham um papel extremamente importante na construção de um imaginário infantil que permite às crianças lidar com suas angústias por meio da magia.
No livro "A psicanálise dos contos de fadas", Bettelheim (2017) destaca o envolvimento das crianças com os contos, uma vez que os personagens vivenciam situações semelhantes às delas, e no fi-i nal tudo acaba bem. As crianças confiam no que o conto de fadas transmite, pois, a visão de mundo apresentada nele está em sintonia com a sua própria.

Quanto mais tentei entender a razão pela qual essas histórias têm tanto êxito no enriquecimento da vida interior da criança, mais me dei conta de que esses contos, num sentido bem mais profundo do que qualquer outro material de leitura, começam no ponto em que a criança efetivamente se acha em seu ser psicológico e emocional. Falam de suas graves pressões interiores de um modo que ela inconscientemente compreende e, sem menosprezar as lutas íntimas mais sérias que o crescimento pressupõe, oferecem exemplos tanto de soluções temporárias quanto permanentes para dificuldades prementes (BETTELHEIM, 2017, p.13).

Seguindo essa linha de raciocínio, o casal Corso discute o efeito dessas histórias na resolução dos conflitos internos das crianças e como elas, mesmo sem perceber, utilizam-nas para lidar com o que é necessário naquele momento específico.

Nas crianças, é mais fácil observar o impacto da ficção, elas se apegam a alguma história e usam-na para elaborar seus dramas íntimos, para dar colorido e imagens ao que estão vivendo. Elas a usam como era usado o mito em sociedades antigas, entram na trama oferecida e tentam encaixar suas questões nos esquemas interpretativos previamente disponibilizados. Ou então se apropriam de fragmentos, como tijolos de significação que combinam à sua moda pra levantar a obra de determinado assunto que lhes questiona (CORSO; CORSO, 2006, p.28-29).

Conforme indicado por Bettelheim (2017), uma história precisa cativar a atenção da criança, entretê-la e despertar sua curiosidade. No entanto, para enriquecer sua vida, a história deve estimular sua imaginação, auxiliar no desenvolvimento intelectual, esclarecer suas emoções e estar em sintonia com suas ansiedades, aspirações e dificuldades. Ao mesmo tempo, deve sugerir soluções para os problemas que a perturbam, pois as histórias têm o propósito de ajudar as crianças a lidar com os desafios da vida. As narrativas criadas por elas mesmas são baseadas na expressão de seus desejos e angústias, promovendo a confiança em si mesmas e no futuro.
Os contos de fadas oferecem soluções para as inquietações e problemas que enfrentamos. Através dessas histórias, as crianças não apenas se identificam com os protagonistas, mas também podem colocar em prática - por meio de brincadeiras e encenações - as soluções subjetivas que os contos lhes proporcionam.
Outro aspecto importante dos contos de fadas é o papel da fantasia no desenvolvimento emocional da criança. Nessas histórias, as crianças conseguem se identificar mais facilmente com os problemas dos personagens. Ao se envolverem com prazer no mundo da imaginação, elas exploram suas próprias emoções. O contato com a fantasia facilita a compreensão, pois se aproxima da maneira como elas enxergam o mundo, uma vez que ainda não são capazes de compreender e produzir respostas prontas e conclusivas.
De acordo com Hueck (2016), o pensamento mágico é a tendência humana de estabelecer uma relação de causa e efeito entre eventos que não possuem uma conexão visível ou racional.

A PSICANÁLISE POR MEIO DOS CONTOS DE FADAS

O conto de fadas, também chamado de conto maravilhoso, contém elementos fantásticos e surpreendentes, não sendo necessariamente centrado na presença

de fadas em sua trama (PROPP, apud: CORSO & CORSO, 2006, p. 27). O elemento maravilhoso cria uma atmosfera de irrealidade, onde a lógica e o bom senso nem sempre têm lugar. Na verdade, na maioria das vezes, os eventos são regidos pelo absurdo, permitindo à criança se identificar e se distanciar simultaneamente. Em "Escritores Criativos e Devaneios", Freud discute essa identificação protegida pelo distanciamento no contexto da obra literária. Ele afirma:

A irrealidade do mundo imaginativo do escritor tem, porém, consequências importantes para a técnica de sua arte, pois muita coisa que, se fosse real, não causaria prazer, pode proporcioná-lo como jogo de fantasia, e muitos excitamentos que em si são realmente penosos, podem tornar-se uma fonte de prazer para os ouvintes e espectadores na representação da obra de um escritor. (FREUD, 1908, p. 137)

Embora os contos de fadas retratem uma realidade difícil, repleta de obstáculos, eles também mostram a superação desses obstáculos pelo herói da história. Dessa forma, os contos oferecem esperança às crianças, convidando-as a enfrentar seus medos e prometendo um final feliz.
Segundo Bettenheim (2007: 89-90), a criança parte de algum ponto da realidade e constrói suas fantasias, que podem se tornar tão intensas que confundem a criança e dificultam a organização de seus pensamentos. No entanto, para que a fantasia seja construtiva, é necessário algum tipo de ordem, caso contrário, a criança seria sobrecarregada pelos sentimentos despertados por seus pensamentos criativos.
Da mesma forma, os contos de fadas são estruturados: partem de uma situação realista problemática (como pais que abandonam seus filhos em "João e Maria") e apresentam eventos que não fazem parte do mundo real da criança, mas têm seu próprio lugar, distante do aqui e agora. O "Era uma vez" indica que não se trata do tempo da criança, e essa distância entre o mítico e o real permite que a criança se identifique com as personagens. A natureza genérica dos contos de fadas permite que a criança se aproxime das experiências por meio de metáforas exageradas, encontrando a simbologia nas histórias e relacionando-a aos seus próprios dilemas. Por exemplo, uma criança que se sente pouco amada pode se identificar com Cinderela, mesmo sem ter sido literalmente coberta de cinzas.
Os contos de fadas podem ser morais ou amorais. Nos contos morais, as personagens não apresentam ambiguidade; são boas ou más, e isso determina seu destino na história. Já nos contos amorais, segundo Bettelheim, eles têm um propósito diferente, não promovendo escolhas entre o bem e o mal, mas dando à criança a esperança de que até mesmo os mais submissos podem ter sucesso na vida. Em ambos os casos, as personagens são pouco personalizadas, muitas vezes não possuindo nomes próprios, sendo identificadas por algo relacionado à sua história (por exemplo, Cinderela), o que contribui para o caráter genérico dos contos.
Os contos de fadas não pretendem retratar a vida como ela é. Eles não estão limitados ao regime político e econômico da época em que foram criados. Embora possam fazer referência à realidade passada ou imediata, essa não é sua característica principal. Propp (1997) destaca que, às vezes, os contos se opõem a práticas históricas ultrapassadas, e só podem ser contados quando essas práticas entram em declínio.
Vladimir Propp adverte para o perigo de considerar os contos como crônicas. Não devemos procurar elementos literais dos contos na Pré-história, como serpentes aladas, alegando que o conto preservou a memória disso. Os contos de fadas não são crônicas, nem são mitos, embora compartilhem semelhanças com eles.
"Os contos de fadas têm em comum com os mitos o fato de não possuírem um sentido próprio; são estruturas que permitem a geração de significados, e, portanto, toda interpretação será sempre parcial" (CORSO & CORSO, 2006: 28).
Além disso, Bettelheim (2007) afirma que tanto os mitos quanto os contos evocam conteúdos inconscientes por meio de símbolos.
Existem diferenças distintas entre os contos de fadas e outros tipos de histórias. Enquanto os mitos retratam eventos únicos que acontecem com indivíduos em situações específicas, os contos

buscam generalizar, apresentando histórias extraordinárias como se fossem comuns. Enquanto os mitos tendem a ser pessimistas, os contos são otimistas. Essa característica é considerada crucial por Bettelheim (2007) para distinguir os contos de fadas de outros tipos de narrativas.
No universo dos contos de fadas, o herói enfrenta várias provações e, ao superá-las, é recompensado com felicidade e sucesso em sua vida. Ele "vive feliz para sempre". Por outro lado, o herói mítico geralmente passa por uma transformação rumo à vida eterna no céu. Nos contos de fadas, a humanidade do herói é preservada, independentemente dos desafios que ele enfrente. Nos mitos, o herói assume uma natureza sobre-humana, afastando-se ainda mais das experiências compartilhadas pelos outros personagens.
Além disso, é importante mencionar a relação entre os contos de fadas e as fábulas. As fábulas, ao contrário dos contos, têm uma forte dimensão pedagógica, buscando transmitir conceitos morais por meio de ilustrações simples envolvendo animais. La Fontaine escreveu sobre a importância das fábulas, destacando seu valor educativo.
Convém que as crianças se alimentem de fábulas ao mesmo tempo que sugam o leite: compete às amas proporciona-las, pois não há outro meio de acostumar desde cedo à sabedoria e à virtude. Em vez de sermos obrigados a corrigir nossos hábitos, melhor será conseguir torna-los bons enquanto são indiferentes ao bem ou ao mal. Ora, que método poderá contribuir mais utilmente para isso do que as fábulas (LA FONTAINE apud CORSO &CORSO, 2006, p. 214).

A fábula tem uma natureza direta e explícita, transmitindo uma verdade moral clara, enquanto os contos de fadas possuem uma flexibilidade maior quando se trata de extrair significados e tomar decisões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação desempenha um papel de grande responsabilidade no desenvolvimento infantil, e sua contribuição não é algo fácil nem simples de ser alcançado. A psicanálise despertou interesse pelo universo infantil a partir das primeiras análises de adultos, que revelaram a ressurgência de uma neurose infantil. Durante suas análises, os adultos sempre chegavam ao material relacionado à infância, como sexualidade e memórias infantis. Essas descobertas levaram Freud a desenvolver teorias sobre a importância dos anos da infância na psicanálise. A Psicanálise, como foi vista nesse trabalho de conclusão de curso contribui significativamente com o Universo Infantil, pois as crianças despertam seus medos, frustrações e angústias por meio da psicanálise. Portanto, é benéfico cultivar relacionamentos sólidos na sala de aula. A psicanálise infantil oferece várias contribuições para a educação.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. A Psicanálise dos Contos de Fadas. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2017.

CORSO, D. L. e CORSO, M..Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREUD, S. (1933 [1932]) Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise, in. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1986 - 2a. ed, vol. XXII.

FREUD, Sigmund. (1908) "Moral sexual `civilizada` e doença nervosa moderna". In: Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol.IX. Rio de Janeiro, Imago, 2006.

SOUZA, Renata Junqueira de – Caminhos para a formação do leitor - 1. Ed. – São Paulo: DCL 2004. Vários autores. Bibliografias. ISBN 85-7338-927-3